



Nota de Abertura

Rosa Neves Simas
Presidente Assembleia
Geral da UMAR-Açores

Afinal as Feministas até Gostam de Homens

No espírito de folia e brincadeira, próprio da época do Carnaval que vivemos há poucas semanas, decidi focar um livro que tenho há anos, afinal é de 2018, mas o que diz a autora mantém-se atualíssimo. Logo na capa, em letras coloridas e estilizadas, Patrícia Motta Veiga anuncia ao que vem na postura brejeira e brincalhona do próprio título: *Afinal as Feministas até Gostam de Homens, e outras evidências bem-humoradas sobre o que é ser feminista nos dias de hoje.*

No livro, começa por citar a escritora Maya Angelou: “Sou feminista, pois sou mulher há anos e seria estúpido não estar do meu lado.” Mais à frente, faz a seguinte distinção: O machismo é um conceito que defende que os homens são superiores às mulheres, que são mais fortes, mais capazes e que é a eles que cabe a liderança social, familiar e política. O machismo objetifica a mulher e pretende dominá-la. O machismo é contra as mulheres, mas o feminismo não é contra os homens.

E esta: Se o feminismo tem vindo a crescer e a ganhar força nos fóruns sociais, parlamentares, jurídicos, paralelamente, o anti-feminismo, que equivale ao machismo encapotado, também galga tudo, ao ponto de pôr mulheres contra mulheres. O que faz sentido já que toda a gente sabe que é dividindo que se reina melhor.

E mais esta: Conheço mulheres extraordinárias que fazem sempre questão de me lembrar que “até podes ter razão, mas eu não sou feminista!” e eu fico a olhar para elas com um desconforto enorme porque não é simpático dizer às nossas amigas que o que acabaram de dizer revela uma grande ignorância. Caramba, são nossas amigas! E mesmo que não fossem, a pessoa não sai por aí, entre um croquete e um cafezinho, a chamar burros aos outros. Mas, uma mulher dizer que não é feminista é o equivalente fabuloso a uma vaca dizer que não é herbívora!

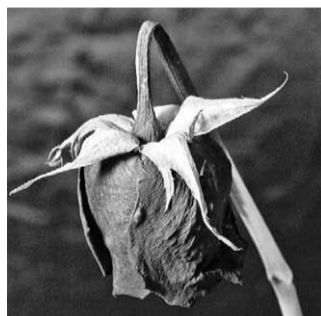
Mais palavras para quê? I rest my case! ■

A Liturgia do Efémero



Que ironia o mês dedicado ao amor ser o mais curto.

É como se o próprio tempo, ou talvez a gula humana, numa liturgia do efémero, tentasse condensar em poucos dias, aquilo que deveria ser vivido eternamente. O 14 de fevereiro deve servir como um lem-



brete de que o amor não se mede por gestos efémeros, mas na presença constante e na troca silenciosa de carinho que transcende o tempo. Assim como descascar uma romã, amar exige paciência, cuidado e a aceitação de que as mãos sairão manchadas, mas que a doçura ainda assim recompensará cada esforço.

Contudo, na realidade, este dia vem muitas vezes mascarado de um falso carinho. As flores, os chocolates e os presentes recebidos são reservados para este único dia do ano, como se a rotina não merecesse a mesma atenção. E, em coerência com as flores oferecidas,

é assim que o amor murcha. E são elas que mais sentem isso.

É, por isso, essencial lembrar todas aquelas que vivem dessas flores corroídas. Aquelas que vivem da esperança de que, um dia, o carinho não venha embrulhado apenas no dia 14 de fevereiro. Aquelas a quem o vermelho das pétalas e da romã se transforma em sangue. Em ferrugem.

Neste sentido, este desgaste e descuido no relacionamento podem dar lugar a relações marcadas por dor, silêncio e intimidação. Estudos recentes sobre a violência no namoro realizados pela UMAR-Açores, com uma amostra de mais de mil jovens, revelam que uma

grande parte dos comportamentos abusivos e de controlo continuam a ser vistos como ‘normais’, percebidos por ambos, mas sentidos sobretudo por mulheres.

Isto é um grito por mudança, por responsabilidade, por consciência, por ação, por igualdade. É urgente a quebra de padrões e mentalidades para que o cuidado e o respeito deixem de ser a exceção e passem a ser a regra para todas nós. Para que fevereiro se torne num mês eterno. Porque, afinal, somos demasiado cheias de vida para sermos amadas apenas pela metade. ■

MAFALDA SUBICA
Estudante de Direito



Janela para o Futuro

Helder Bértolo
Presidente da Opus
Diversidade

A Igualdade de Género é uma Exigência Democrática

A igualdade de género não é uma meta abstrata nem uma bandeira simbólica: é uma exigência democrática.

Enquanto presidente da Opus Diversidades, afirmo com convicção que uma sociedade justa apenas se constrói quando mulheres, homens e pessoas não binárias têm as mesmas oportunidades, o mesmo reconhecimento e a mesma proteção.

Persistem desigualdades salariais, vio-

lência baseada no género, estereótipos limitadores e barreiras no acesso a cargos de decisão. Estes obstáculos não são inevitáveis; resultam de estruturas culturais que podemos e devemos transformar.

Promover a igualdade de género implica educar para o respeito desde a infância, rever políticas públicas, responsabilizar instituições e garantir que a diversidade é vista como riqueza, não como ameaça. Implica também ouvir as vozes historicamente si-

lenciadas e assegurar que ninguém fica para trás por causa do seu género ou identidade.

A igualdade não retira direitos a ninguém; amplia direitos para todas as pessoas. Quando investimos na equidade, fortalecemos a economia, melhoramos a qualidade de vida e consolidamos a democracia. Asas da Igualdade é mais do que um nome: é um compromisso coletivo para voar mais alto, em conjunto, rumo a uma sociedade verdadeiramente inclusiva. ■